

# SER PROFESSOR: PESSOALIDADE E PROFISSIONALIDADE

**Hudson Rodrigues Lima**

Professor de Geografia da Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia desde 1986. Especialista em Educação Brasileira pela UFU e qualificado em Mestrado em Geografia Humana pela USP. Diretor da Escola 2003-2007 e psicopedagogo pelo CEAPp-Sedes Sapientiae-SP.

**RESUMO:** Este texto é resultado de anotações ocorridas durante a minha participação no II Seminário Internacional de Educação, realizado no período de 16 a 18 de abril de 2004, na cidade de Belo Horizonte – Minas Gerais. Algumas falas e expressões são fiéis às exposições do professor António Nóvoa e parte do texto constitui-se de interpretações e conclusões de minha própria autoria. Como se trata de um texto resultante de minha participação na Conferência do referido Professor, adianto ao leitor ou à leitora que o objetivo do texto não é o de aprofundar nas temáticas que foram abordadas no Seminário, mas, tão somente, entrar em contato com as mesmas a fim de informá-los de algumas perspectivas que foram abordadas, as quais, com certeza, poderão abrir horizontes para o desafio de educarmos a nós mesmos e, conseqüentemente, para educarmos melhor os outros.

**PALAVRAS-CHAVE:** Professor(a). Pessoaalidade. Profissionalidade.

**ABSTRACT:** This article is a result of some observations made at the II International Seminar of Education, which happened in April, 2004, in Belo Horizonte – Minas Gerais. Some of the ideas are originally from António Nóvoa and some of them are a result of my own interpretations of his speech. This text aims at letting the reader be in contact with these interpretations and open their minds to the challenge of educating themselves and, as a consequence, educating better the others.

**KEYWORDS:** Teacher. Personality. Professionality.

Este tema foi tratado pelo educador português António Nóvoa, da Universidade de Lisboa. Segundo ele, o professor ou professora não pode viver incessantemente com o sentimento de inquietação em relação ao exercício da docência, como tem sido a característica do ritmo de vida de educadores e educadoras. Entretanto, a profissão professor caracteriza-se por um ritmo de constantes riscos, pois lida cotidianamente com o inusitado e, principalmente, porque ele participa da construção da personalidade de um ser humano. É certo que o sentimento de conforto nos dá segurança, mas a busca constante deste sentimento desmobiliza e nos estagna, trazendo também inquietações. O desafio colocado ao professor e à professora dos dias atuais é a busca do equilíbrio entre a inquietação e o conforto.

Pesquisas demonstram que os professores e as professoras que mais se destacam no exercício de sua prática, sendo reconhecidos e respeitados entre os alunos e alunas, são os que conseguem o equilíbrio entre a inquietação e o conforto. Portanto, a importância deste texto e por que não o contexto, é o despertar da professora e do professor que reconhece certo desconforto, mal-estar, em relação à sua profissão e que busca uma forma de se relacionar bem consigo mesmo/a e com os outros docentes.

Soma-se a isso o sintoma da inquietação, derivada de vários fatores oriundos da desvalorização das condições de trabalho, das condições sociais a que estão submetidos os docentes, à questão de sua formação e identidade cultural. Nóvoa acrescenta o fato de que a maioria dos docentes do mundo atual é composta por mulheres. À condição de mulher, acrescentam-se outras dimensões de trabalho, além da docência, abrangendo aos espaços e demandas de sua vida privada, sensivelmente diferente do universo do professor homem. Isso, com certeza, reforça o desconforto da professora ter que dar conta de seu papel. Portanto, esse fato não pode ser desconsiderado no momento de se pensar e refletir sobre a formação do professor e da professora.

Assim, algumas inquietações relacionam-se ao fato de uma mulher estar educando uma pessoa e também à necessidade de assumir o seu papel na sociedade contemporânea, ainda caracterizada por tantos preconceitos e desvalorização da condição feminina. Com certeza, isso interfere nos papéis em que ela é convocada a cumprir nos espaços e tempos escolares.

Considerando este quadro, que envolve a professora e o professor, independente da questão de gênero, é possível afirmar que existe uma pessoalidade (qualidade da pessoa) e uma profissionalidade (qualidade do(a) profissional), que compõem o sujeito docente. Embora, atualmente, haja várias pesquisas sobre a formação do professor e da professora, nesta perspectiva, parece ser ainda difícil ter clareza e compreensão sobre seu papel. Por esta razão, Nóvoa defende a necessidade de se construir uma teoria da pessoalidade da professora e do professor.

Numa tentativa de teorizar sobre a formação do professor, Nóvoa procura identificar duas grandes tendências, quais sejam:

a) A tendência romântica (que prevaleceu até a década de 1960): considera o papel da professora e do professor como sendo uma vocação, uma missão, um sacerdócio; percebem-se as maneiras de ser e de estar na profissão, as quais “não se ensina o que se sabe, mas que se é” (NÓVOA, 2004); produz-se um discurso utópico sobre a escola, sobre o aluno e sobre a profissão. Essa tendência contribuiu, de certa forma, para a desvalorização profissional do professor e da professora, o que foi e continua sendo um risco, uma vez que não considera a necessidade de profissionalização.

b) A tendência técnica ou tecnicista (que ganha força a partir da década de 1970): coloca-se em segundo plano o universo humano, afetivo, pessoal, ético e relacional; impõe-se uma visão tecnicista da profissão do professor e da professora, baseando-se numa pedagogia por objetivos, focalizando as titulações, encontra-se ainda muito presente nos discursos atuais; valoriza-se a “competência” do trabalho docente que, pela própria origem

desta palavra, instala um ambiente de “competição” próximo a uma lógica de mercado capitalista em que: “vença o melhor”.

Para Nóvoa, a profissão docente precisa integrar estas duas tendências. Uma síntese de que não é nova e que foi experimentada num passado distante e recente por homens e mulheres, pesquisadores/educadores, por exemplo, os trabalhos de Paulo Freire (Professora sim, tia não). Uma tentativa que, sem recusar as dimensões distintas dessas duas tendências, tenta integrá-las. Na década de 1990, o movimento dos professores reflexivos, que já se preocupavam com esta questão, demonstrou também ser uma tentativa de considerar as duas dimensões dos contextos, profissional e pessoal. Nóvoa acredita que estes movimentos não dão e nem deram conta da questão, por terem falhado no investimento de uma teoria da pessoalidade que, de fato, sistematizasse a necessidade de se aprofundar nesta dimensão, isto é, na formação do professor e da professora, no que se refere ao entrelaçamento das dimensões pessoal-profissional.

Na perspectiva de integrar as duas dimensões, a da pessoalidade e a da profissionalidade, e na tentativa de uma construção de uma teoria da pessoalidade, Nóvoa destaca os seguintes aspectos:

### **O professor como pessoa**

1. Necessidade de se constituir um trabalho em espaços públicos, por meio de redes de comunicação. No passado, o professor e a professora tinham prestígios que hoje não têm. Notadamente, houve uma proletarização do professor e da professora, antes considerados profissionais especiais, de referência social. Além disso, é perceptível que, de acordo com o perfil de uma sociedade patriarcal predominante até a década de 1950, a maior parte dos educadores era constituída de homens, inclusive, porque a origem da educação escolar advinha dos monastérios masculinos.

Quando as mulheres passam a ocupar uma posição majoritária na educação escolar, torna-se sabido que, segundo alguns estudos, a tradição do caráter público da vida escolar, característica do universo masculino, passa à condição de caráter privado, característica do universo feminino. As mulheres sempre tiveram, por força da cultura, uma característica de recolhimento no interior das salas de aula, não se exigia delas uma grande exposição pública, como o era exigido dos homens professores. Nos últimos 10, 15 anos, a mudança, neste aspecto, foi radical e, por vezes, brutal. Em todo o mundo, a escola é cada vez mais convocada a estar aberta ao público, o que não ocorria antes. Dessa forma, todos os problemas humanos e sociais são depositados nas escolas, o que exige uma exposição pública muito ampla, para uma tradição escolar que negava este comportamento. Por isso, podemos dizer que o sentimento de mal-estar instalado nas instituições escolares – sentimento de que algo mudou radicalmente – nos remete a novos e enormes desafios para lidar com essa exigência de exposição pública.

Portanto, dentre os desafios, apresenta-se a imperiosa tarefa de sabermos “comunicar” com os universos que estão fora da Escola. O que se discute é que os problemas nelas existentes se resolvem não mais dentro de si somente, mas principalmente dentro e fora dela. Assim posto, a Escola do início do século XXI é convocada a “comunicar”, relacionar-se com os universos oriundos das famílias, dos poderes públicos, dos meios de comunicação social, que participam da formação dos seres humanos que ocupam o espaço escolar.

O futuro profissional do professor e da professora depende da construção de redes de comunicação com os outros atores sociais que fortemente interferem na educação das pessoas, ou seja, comunicar-se com as instituições sociais existentes fora da Escola. O docente tem que ocupar um “novo espaço público da educação”, o que implica uma transição para um novo caráter da profissão; permanecer no modelo em crise, focalizado no interior

da sala de aula e da Escola, significa estender o mal-estar instalado. O que se coloca, então, é conseguir sair da condição privada do espaço escolar para a sua condição de espaço assumidamente público. Pode-se afirmar, portanto, que a difícil condição de vulnerabilidade que nos encontramos hoje, qualificadamente numa penumbra, é a oportunidade de evoluirmos e avançarmos no sentido de se construir um novo papel da Escola e nela, o papel do professor e da professora.

Neste sentido, o novo *slogan* da Escola deveria ser: “A sociedade tem que estar a serviço da Escola” (NÓVOA, 2004) e não o contrário. Isso implica a construção e o estabelecimento de um novo contrato social para a Escola, que se construa e valorize esta instituição social como direito público indiscutível e que não se mascare, por iniciativa do Estado, este patrimônio de defesa da sociedade como um todo e não apenas por aqueles que nela trabalham/estudam. Para isso, as atitudes defensivas, marcadamente presentes entre professores, alunos, administrativos, pais e mães, no que se refere à defesa ampla e irrestrita da Escola, como patrimônio social, apenas retardam o inevitável avanço que a Escola deverá buscar nos próximos anos a fim de “abrir” este espaço ainda privado. Por isso, os professores e as professoras devem assumir logo o papel de mediadores e comunicadores sobre sua identidade profissional, a fim de auxiliar na construção de um novo contrato social que exponha verdadeiramente o caráter inquestionável da importância da Escola na vida da humanidade.

2. O trabalho em espaços sociais, marcados pelas diferenças e pelas diversidades culturais. Os professores sempre lidam com situações de pobreza e exclusão social, características do modelo sócio-econômico capitalista. Por um longo tempo, muitos segmentos sociais, hoje, denominados de “excluídos”, não freqüentavam os bancos escolares, normalmente destinados às elites, portanto, o número de problemas era nitidamente menor do que o registrado atualmente. Isso, não porque os segmentos

das elites tenham menos problemas que os “excluídos” ou que estes tenham mais problemas que aqueles, mas porque as classes populares são em número bem maior que as elites. A partir do momento em que lutas sociais e/ou políticas públicas garantiram o direito de toda criança estar e permanecer na Escola aumentando sua escolarização, a mesma passa a ser um dos “depositários sociais” responsável para dar conta da exclusão social, ou seja, como se a freqüência garantisse ser incluído socialmente. A situação de ampla universalização ao direito de estar na Escola fez com que se acirrasse dentro dela a reprodução de todos os problemas de exclusão social e, o mais grave, a sociedade passa a “esperar” que ela possa, inclusive, resolvê-los.

Dos países ricos aos países pobres, os sistemas escolares apresentam graves sinais de crise e mal-estar em relação a este quadro que, socialmente, espera-se ou deposita-se sobre a Escola. O que, por vezes, aprofunda a crise é a nítida tendência que se observa nos alunos e nas alunas de hoje quererem estar na Escola sem a intenção de estudar e aprender; é como se não encontrassem mais sentido nas intenções dos professores e das professoras. Ou seja, alunos e professores parecem não ter uma motivação de congruências, mas de incongruência de interesses. Com isso, agrava-se o problema de que os diplomas escolares já não são, como no passado, “elevadores do *status* social”.

Esta desvalorização dos diplomas atinge, sobretudo, os alunos mais pobres, normalmente aqueles que mais desmotivam os professores e as professoras a quererem ensinar/educar, pois, via de regra, foram os que chegaram por último no interior da escola. É notável que os alunos das classes sociais “incluídas” ofereciam e, às vezes, ainda oferecem menos problemas do que os das classes sociais “excluídas”, uma vez que a história da educação escolar e nela a sua organização e administração, ainda é permeada de um currículo para as elites.

Neste aspecto, as escolas “correm o risco” de se “infantilizarem”, ou seja, cedem demasiadamente aos desejos das

crianças e dos jovens e, por vezes, de suas famílias, que buscam na escola conteúdos esvaziados do fazer científico. Uma sociedade que se contenta e é induzida pela mídia, por meio do mercado, a tratar a realidade com superficialidade; o que não combina com o papel que a educação escolar deve ter, qual seja introduzir os alunos a olharem para a realidade com o espírito de investigação e da construção de conhecimentos.

A princípio, lidar com estas exigências sociais de tratar o conhecimento científico com superficialidade pode ser positivo para motivar a aprendizagem, mas temos que desenvolver uma vigilância crítica sobre isso, para não transformarmos estes saberes produzidos e sistematizados pela ciência em conteúdos esvaziados e estes se transformarem como o sentido da Escola; se isso ocorre, corremos o risco da sociedade chegar à conclusão de que a Escola é dispensável, uma vez que outros meios de informação e de comunicação podem cumprir este papel melhor do que a Escola. Portanto, a sociedade precisa ter claro qual é o papel e a importância da Escola e somente os sujeitos escolares podem definir e delinear este papel.

Outro aspecto importante a ser considerado é o fato de termos cuidado de não reforçar a “comunitarização” da Escola, ou seja, a idéia de grupos fechados restritos à Escola. Os chamados “alunos-problema” quase sempre estão inseridos nos chamados “grupos sociais quentes”, que desenvolvem ambientes de “solidariedade interna” dos grupos, circunscrevendo-se em suas características. Estes grupos não necessitam que a Escola lhes dê essa “coesão comunitária”, pois ela é nata com a sua formação. Portanto, a Escola tem que assumir o papel de ensinar e aprender as regras de convívio em sociedade, na sua complexidade e pluralidade, e não em grupos fechados, sob pena de massacrarmos o chamado processo civilizatório e correremos o risco de incentivarmos processos de barbárie.

Assim, os professores e as professoras são convocados, atualmente, a assumirem um papel de conciliação, de tutoria das

crianças, dos jovens e dos adultos, que têm origens e formações muito diversas e adversas. Mas, o certo é que só conseguimos lidar com esta diversidade quando temos segurança de identificar a nossa própria identidade, a nossa própria cultura pessoal e profissional. Nesta imperiosa necessidade de nos (re)conhecermos identitária e culturalmente é que poderemos estar preparados para lidar com os alunos e as alunas desmotivados, pois é para estes que as metodologias deveriam ser dirigidas, como forma de fortalecermos o papel da Escola. Infelizmente, o currículo da Escola que temos hoje, resguardando poucas exceções, é voltado para as elites, assim mesmo de um passado remoto, uma vez que até mesmo nestes segmentos sociais privilegiados, existem diversidades de adversidades que não podem ser desconsideradas pelos professores e pelas professoras.

Diante deste quadro, é importante buscarmos caminhos para encararmos o mal-estar docente instalado, pois o(a) professor(a) não pode continuar com “uma mão cheia de nada e na outra, coisa nenhuma”, ditado popular que pode traduzir e/ou caracterizar o incômodo de estar na Escola fazendo algo, cumprindo um papel e ter a sensação de que pouco ou quase nada está ocorrendo na formação cidadã dos sujeitos envolvidos no ato educativo.

### **O professor como profissional**

Nóvoa continua sua exposição caracterizando o professor no campo profissional, dizendo que para reconstruir os sentidos da profissionalidade, torna-se fundamental desenvolver a capacidade de inserir a ação docente numa outra lógica de organização do trabalho escolar. O professor e a professora devem cumprir o papel de organizador da aprendizagem que ocorre dentro e fora da sala de aula. Pesquisas demonstram que o melhor professor e a melhor professora nos dias de hoje são aqueles que

auxiliam os alunos e as alunas a se organizarem em situação de aprendizagem, sem sacrificar a si mesmo e muito menos às crianças, os jovens e os adultos com quem lidam. Observa-se que muitos professores e muitas professoras jovens, que recém ingressam no trabalho docente, gastam muito tempo para se fazerem ouvir por parte de seus alunos e suas alunas, esta realidade cresce, inclusive, entre aqueles e aquelas docentes que estão há muito tempo no magistério.

Este quadro remete à necessidade de uma reinvenção ou reorganização do trabalho escolar, que não pode se resumir apenas à sala de aula, mas em todos os espaços e tempos escolares. Para isso, deve haver uma negociação, um debate, para uma libertação da ditadura da sala de aula e do conteúdo disciplinar. É preciso pensar o trabalho escolar como um todo: gestão e funcionamento da Escola. Isso não pode ser resolvido individualmente pelo professor e pela professora, tem que ser inserido no coletivo daqueles envolvidos com o espaço escolar: alunos, alunas, pais, mães, familiares, poder público e, principalmente, com os professores e professoras. A tarefa não é simples e, por vezes, deve haver supervisões por parte de outros profissionais, de outras instituições, como professores, pedagogos, psicólogos, psicopedagogos, dentre outros profissionais, para orientarem e/ou servirem de referência e parâmetro para os professores e as professoras.

Deve haver muito diálogo entre estes pares, para que se sintam valorizados e valorizadas, motivados e motivadas para as mudanças que devem ser implementadas. Diálogo no mais profundo sentido, em que os pares negociam, combinam, compartilham, “abrem mão”, por vezes, momentaneamente, para se construir algo em comum e não no sentido, muitas vezes presentes no ambiente escolar, de imposição de paixões, de disseminação de modismos teórico-metodológicos, jogos de poder, que tanto impedem o diálogo e promovem o fracasso da Escola. Se não conseguirmos avançarmos nesta direção, teremos

sérias dificuldades em enfrentar os desafios impostos pela contemporaneidade, uma vez que o risco de desvalorização social da Escola e o sentimento de mal-estar nela existente, deve aprofundar.

2. A possibilidade de pensar o trabalho docente com processo coletivo, de reflexão e de análise. Esta concepção do trabalho docente implica uma transposição didática, ou seja, a passagem do saber científico para o saber na escola. Esta concepção sempre foi observada por diferentes teorias e Nóvoa acrescenta a ela, baseado em Habermas, a chamada “transposição deliberativa”, caracterizada por intencionalidades dos saberes e valores cognitivos, éticos, sociais. Ou seja, quando o professor ou a professora ensina, existe uma exigência implícita em seu ato em responder a uma realidade concreta. Ensinar não comporta apenas saberes, mas valores culturais, civilizacionais, em que o professor e a professora deliberam sobre estas dimensões. Portanto, na intencionalidade docente, o professor e a professora lidam com a aprendizagem, que é um ato imprevisível. Este ato não combina com posturas positivistas que defendem o rigor de um aprender do simples ao complexo, do concreto ao abstrato. O fato é que, ao ensinar estas dimensões de intencionalidades e imprevisibilidades esbarram em diferentes formas de ser e de estar do professor, da professora, do aluno e da aluna. Para lidar com a imprevisibilidade, o docente necessita de condições de trabalho traduzidas na valorização de sua carreira, melhores salários, acesso facilitado aos bens culturais que o satisfaça na pessoalidade e profissionalidade. A valorização do trabalho docente se inicia pelo próprio professor e professora, passa pelos alunos e alunas, pais, mães, poder público e a sociedade como um todo. Caso isso não ocorra, as necessidades impostas no momento atual de qualificar o trabalho escolar podem não passar de retóricas.

Finalizando sua exposição, o professor Nóvoa afirma que a experiência docente só se torna riqueza, se for lapidada no cotidiano da prática escolar. Ela não pode ser repetitiva e só pode

ser enriquecida por meio da reflexão e da partilha dos sucessos e fracassos com os seus pares.

Por tudo isso, não basta uma visão romântica da profissão e nem uma visão técnica da mesma. É preciso desenvolver a vontade de imaginar e construir a nossa capacidade de comunicar com a sociedade, de avaliarmos e sermos avaliados no nosso papel. Falta-nos capacidade de lidar com as dificuldades dos alunos e das alunas, não abdicando de nosso papel de ensinar e de que as crianças, jovens e adultos aprendam. Por mais que se questione esta definição de papel, ela ainda nos dá uma referência do fazer docente, comparado a outras profissões. É necessário libertarmos da prisão da sala de aula e investirmos no perfil da Escola em que estamos inseridos. Isto é possível se compormos equipes

pedagógicas para serem (re)construídas no dia-a-dia. Nestes desafios, Nóvoa alerta para a necessidade de termos serenidade na condução de nosso trabalho docente, não nos empolgando com os modismos intelectuais e/ou programas governamentais, procurando, inicialmente dentro de nós mesmos, um diálogo, pois, parafraseando um ditado popular: “alguém tem que se manter calmo no manicômio”. Ou seja, na conturbação hoje presente na condição docente e na Escola, é preciso ter e manter foco. O certo é que não podemos tudo transformar, mas não podemos nos abdicar da esperança de voltarmos a valorizar, em outros patamares, em outras estruturas, o nosso papel de professor e de professora da contemporaneidade.

## REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não:** cartas a quem ousa ensinar. 8. ed. São Paulo: Olho d'água, 1997. 127 p.

NÓVOA, António. **Profissão professor.** 2. ed. Portugal: Porto, 2003. 191 p. (Coleção Ciências da Educação, v. 3).

\_\_\_\_\_. **Vida de professores.** 2. ed. Portugal: Porto, 2000. 215 p. (Coleção Ciências da Educação, v. 4).